

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

150 anos



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2013

Patrocinador oficial
FUNDAÇÃO MILLENIUM BCP

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins, César Neves
Design gráfico: Flatland Design

Produção: DPI Cromotipo – Oficina de Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 400 exemplares
Depósito Legal: 366919/13
ISBN: 978-972-9451-52-2

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2013

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Os desenhos da primeira e última páginas são, respectivamente, da autoria de Sara Cura e Carlos Boavida.

Patrocinador oficial



Apoio institucional



O ESPÓLIO CAMPANIFORME DO SÍTIO PRÉ-HISTÓRICO DO FREIXO (REGUENGO DO FETAL, BATALHA)

Marco António Andrade / FCT; UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa / folha-de-acacia@iol.pt
Emili Nordén Ramos / UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa / emiliram87@yahoo.se

RESUMO

O sítio pré-histórico do Freixo, situado nas encostas setentrionais da Serra de Candeeiros, apresenta ocupações referentes ao Neolítico antigo e ao Calcolítico final, sendo o primeiro período estatisticamente mais expressivo. O espólio relativo ao último período caracteriza-se por cerâmicas campaniformes (lisas e com decoração geométrica incisa) e alguns poucos artefactos líticos claramente associáveis às comunidades calcolíticas (tais como pontas de seta, utensílios sobre lâmina espessa e machados de secção rectangular), permitindo evidenciar uma ocupação ténue do espaço (um pequeno acampamento sazonal?) – sendo a escassez de espólio arqueológico apenas reflexo dessa funcionalidade específica. No entanto, a carência de contextos campaniformes na área da Alta Estremadura legitima a sua divulgação.

ABSTRACT

The prehistoric site of Freixo, located on the northern slopes of the Candeeiros mountain range, presents occupations related to the Early Neolithic and the Late Chalcolithic, the first period being statistically better represented. The artifacts related to the latter period are characterized by Beaker pottery (plain and with incised geometric decorations) and a few lithic tools clearly assignable to the Chalcolithic communities (such as arrow-heads, tools using large flint blades and axes with rectangular cross-section), allowing to recognize a sporadic occupation (a small seasonal campsite?) – the scarcity of the archaeological remains acting only as a reflection of that specific functionality. However, the lack of Beaker contexts in the area of the Upper Estremadura legitimates its disclosure.

1. LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA E CONTEXTOS DE INTERVENÇÃO

O sítio pré-histórico do Freixo situa-se na freguesia do Reguengo do Fetal, concelho da Batalha. Localiza-se nas encostas Noroeste do Maciço Calcário Estremenho, no sopé da Serra da Barrosinha, um dos bastiões mais avançados da Serra de Candeeiros. Implanta-se sobre um esporão alongado, numa paisagem de relevos marcados, na confluência de dois cursos de água subsidiários da Ribeira da Várzea. Geologicamente, situa-se sobre calcários do Oxfordiano a Kimeridgiano (Jurássico), entre argilitos e calcários margosos do Kimeridgiano (Jurássico).

O sítio foi identificado e intervencionado por equipas da Crivarque, Lda., dirigidas pelo primeiro signatário e por Adelaide Pinto, no âmbito de acções de

minimização do projecto IC9 – São Jorge/Fátima. Logo desde as primeiras observações de superfície, foram identificadas ocupações relativas ao Neolítico antigo e Calcolítico final – realidade confirmada pelos trabalhos de escavação (Andrade, no prelo) (Figura 1).

2. ESTRATIGRAFIA OBSERVADA E CONTEXTOS DE RECOLHA

A área central do Freixo regista depósitos seriamente perturbados devido à erosão característica de ambientes calcários de topo (encontrando-se o calcário lapializado de base praticamente à superfície em algumas áreas), à exploração manual de pedra registada até meados do século passado e à agricultura de pequena escala efectuada até à actualidade. A estra-

tigrafia registada é simples e comum a todas as áreas escavadas – tendo sido referenciadas, genericamente, quatro unidades estratigráficas.

As UEs 1 e 2 tratam-se, basicamente, do mesmo depósito com diferentes graus de perturbação – correspondendo a UE 1 à camada superficial composta por sedimento siltoso bastante solto e a UE 2 a uma camada de matriz semelhante sendo contudo bastante mais compacta. Estes depósitos continham, sem diferenciação vertical, espólio atribuível ao Neolítico antigo e ao Calcolítico final (este último período especialmente representado nas Áreas 3 e 7). A UE 3 trata-se, basicamente, de uma camada interfacial entre a UE 1/2 e a *terra rossa*, sendo composta pela mistura de ambas. Esta camada encontra-se cortada em certas áreas pelas “bolsas” resultantes da exploração manual de pedra (UE 4), preenchidas com sedimento semelhante à UE 1/2 com presença de clastos calcários e ausência de espólio arqueológico.

3. ESPÓLIO ARQUEOLÓGICO

O espólio cerâmico é o elemento com maior peso percentual, correspondendo a 61,4% do conjunto. Os exemplares com elementos caracterizadores dividem-se entre registos referentes ao Neolítico antigo (23,6%) e ao Calcolítico final (1,6%), registando-se uma larga percentagem de cerâmica lisa (74,8%). Desta maneira, percebe-se que a ocupação principal do sítio (e o grosso da informação artefactual) corresponderá ao Neolítico antigo. Poder-se-á sempre argumentar que uma qualquer parte da cerâmica lisa poderá corresponder à ocupação campaniforme – no entanto, a comparação morfológica entre as pastas dos elementos lisos e aqueles com elementos caracterizadores permite incluir grande parte do conjunto da cerâmica lisa no Neolítico antigo.

Assim, os critérios de distinção das cerâmicas lisas atribuíveis ao conjunto campaniforme basearam-se em dois factores: na forma (tipos claramente campaniformes, tais como caçoilas, taças de tipo Palmela e taças de bordo espessado externamente); na pasta (elementos não plásticos muito finos, cozeduras maioritariamente redutoras, opondo-se ao comum do conjunto atribuível ao Neolítico antigo do sítio). Tem-se consciência que poderão ser critérios não muito rigorosos, mas baseiam-se na noção empírica do conjunto artefactual do Freixo.

No conjunto isolado no âmbito deste estudo, e a nível morfo-tipológico, reconhecem-se taças de

tipo Palmela (20,8%), caçoilas (4,2%), “fruitstands” (4,2%), taças de bordo espessado externamente (20,8%), esferoidais simples (25%), taças simples (4,2%) e formas indeterminadas (20,8%). Independentemente da forma, 62,5% do conjunto corresponde a exemplares lisos – estando os exemplares decorados representados por 37,5%. Referem-se estes últimos a decorações geométricas exclusivamente incisadas, compostas por bandas de métopes dispostas abaixo da linha do bordo (sendo esta a temática decorativa melhor representada), caneluras horizontais paralelas e incisões finas convergentes. Nas taças de tipo Palmela, o lábio encontra-se igualmente decorado, com incisões paralelas oblíquas ou bandas de losangos preenchidos.

Os recipientes apresentam pastas compactas a semi-compactas, com elementos não plásticos muito finos (quartzo e calcário), com superfícies maioritariamente alisadas (com alguns poucos exemplares com alisamento espatulado ou com aguada) (Figura 2 e 3).

Em relação ao espólio lítico talhado, e apesar do seu volume relativamente elevado, aquele que é claramente associável ao Calcolítico final é reduzido (cerca de 1,8% do total dos artefactos de sílex). Contam-se, neste conjunto, um “elemento de foice”, duas pontas de seta de retoque bifacial cobridor (de base côncava e pedunculada), utensílios sobre lâmina espessa (raspadeiras e furador), lâminas retocadas – para além lâminas simples obtidas por pressão com talão preparado. São, com efeito, elementos que não se enquadram nos conjuntos conhecidos do Neolítico antigo estremenho.

Da mesma maneira, no conjunto dos artefactos de pedra polida, apenas se pode destacar a presença de um machado de secção rectangular e corpo inteiramente polido – claramente distinguível dos exemplares de secção circular/elíptica e corpo picotado atribuíveis às etapas iniciais do Neolítico e presentes igualmente no sítio (Figura 4).

4. O SÍTIO PRÉ-HISTÓRICO DO FREIXO NO CONTEXTO DO CALCOLÍTICO FINAL DO MACIÇO CALCÁRIO ESTREMENHO.

O primeiro facto a referir na definição das modalidades de ocupação do espaço durante o Calcolítico na Estremadura portuguesa é a evidente disparidade do número de contextos identificados quando se comparam os dados disponíveis para a Baixa

Estremadura (área estrita da península de Lisboa) com aqueles disponíveis para a Alta Estremadura (área do Maciço Calcário Estremenho e bacias de drenagem adjacentes).

Com efeito, será supérfluo referir os numerosos contextos campaniformes, tanto habitacionais como funerários, registados na área das penínsulas de Lisboa (e Setúbal) – sendo unanimemente aceite que se trata de uma área onde se desenvolve um grupo cultural homogéneo e autónomo no âmbito do Calcolítico pleno e final europeu.

A distribuição campaniforme na Alta Estremadura (a partir do limite setentrional teórico de disposição dos grandes povoados fortificados calcolíticos, marcado pelo eixo estabelecido entre os povoados de Outeiro da Assenta e Vila Nova de São Pedro) encontra-se assim deficientemente caracterizada, consequência de escavações antigas em contextos funerários ou de recolhas de superfície esporádicas em contextos habitacionais – contando-se somente com as recentes tentativas de compilação esboçadas por J. P. Tereso (2004) e J. L. Cardoso (2012). Será desta maneira necessário um maior investimento na investigação desta problemática específica – no âmbito da delimitação de uma rede de povoamento que será, evidentemente, bem mais cadenciada do que aquilo que os dados de que dispomos actualmente permitem delinear – se tivermos em consideração especificamente a disponibilidade de recursos disponíveis nesta área, nomeadamente a quantidade e variedade de matérias-primas siliciosas.

Neste contexto e no âmbito do Calcolítico final, o sítio pré-histórico do Freixo inscreve-se num diagrama de ocupação do espaço ainda não muito bem delimitado. Relação directa poderá ser estabelecida com os níveis campaniformes reconhecidos na gruta do Buraco Roto (informação pessoal de António José Teixeira), relativamente próxima do Freixo (cerca de 2,5 km) e facilmente inscrita na mesma rede de povoamento. Tratam-se, contudo, de escassos fragmentos aparentemente incluídos no grupo Internacional – teoricamente mais recuados, em termos cronológicos, dos recipientes campaniformes reconhecidos no Freixo, em que as temáticas decorativas se inserem exclusivamente no campo dos motivos geométricos incisos.

Com efeito, o conjunto identificado no Freixo enquadra-se culturalmente nos episódios campaniformes atribuíveis ao último terço do 3º milénio a.n.e., caracterizando-se pelas taças de bordo espes-

sado e as cerâmicas com decoração geométrica incisa – destacando-se como motivo mais característico, as bandas de métopes dispostas abaixo da linha do bordo aplicadas em taças de tipo Palmela.

Salienta-se, neste conjunto, a presença de uma “fruitstand”, forma rara e normalmente atribuível ao campaniforme tardio (2300-2100 BCE), de acordo com os dados fornecidos pelos exemplares singulares incluídos nos grupos do Baixo Tejo (São Pedro do Estoril 1, Porto Covo), Carmona (El Acebuchal), Ciempozuelos (El Ventorro, Alto del Tomo), Almería (Cova dels Gats) e Salomó/Pirenaico (Pás du Noyer). Tal cronologia confirma-se com a datação (se não directa, pelo menos associável) de São Pedro do Estoril 1. Esta datação, realizada sobre falange humana inserida em espiral de ouro (Beta-178468: 2330-2060 BCE, seg. Gonçalves, 2005, p. 68), pode ser extensível ao célebre “enterramento do casaco” que inclui, para além de uma espiral de ouro, uma das duas “fruitstands” recolhidas naquela gruta artificial (Figura 5).

E neste contexto, onde enquadrar o sítio do Freixo, no âmbito de uma rede de povoamento coesa? Tendo em conta o baixo volume de espólio claramente atribuível às comunidades do Calcolítico final aqui presente, poder-se-á sugerir uma ocupação esporádica do espaço (um pequeno acampamento sazonal, uma pequena unidade familiar) enquadrada num contexto populacional ainda não muito bem definido.

Como referido, o grosso da informação relativa ao Calcolítico final na Alta Estremadura refere-se principalmente a contextos funerários, destacando-se os casos da gruta da Buraca da Moura da Rexaldia e o conjunto das grutas de Alcobça (embora em apenas uma de elas, Carvalhal de Turquel, tenha sido recolhida cerâmica campaniforme – recolhendo-se nas restantes espólio de filiação campaniforme, tais como “braçais de arqueiro”, pontas de tipo Palmela, punhais de lingueta). Refira-se igualmente a sua presença nas grutas artificiais de Pernes e Ribeira de Crastos, assim como a curiosa ocorrência na gruta de Redondas IX – em que, segundo, R. Harrison (1977, p. 155), um vaso liso campaniforme continha uma grande quantidade de sementes de *hordeum*.

Os contextos habitacionais resumem-se a escassos e mal caracterizados sítios. Será de referir o sítio de Ataija (informação pessoal de João Maurício), espacialmente associado às grutas de Alcobça, assim como o recentemente divulgado sítio de São

Gregório, no qual o sítio do Freixo recolhe alguns paralelos a nível crono-cultural (Cardoso, 2012) – não deixando de mencionar igualmente a sua presença no povoado fortificado de Fonte Quente (Batata e Borges, 2011). Destaca-se, contudo, o *cluster* de sítios registado na área de Rio Maior (Bocas, Vale Comprido, Carneira, Senhora da Luz, seg. Cardoso, 2012). É certo que são sítios identificados no âmbito de outros contextos de investigação (dá a parcialidade dos dados obtidos), mas que não poderão ser dissociados da ocorrência de duas importantes fontes de recursos: o sílex e a salmoura (embora, quanto a este último recurso, não haja indícios claros da sua exploração na Pré-História). Será de referir igualmente a ocupação campaniforme na área de influência directa do estuário do Tejo, representada pelos sítios de Monte Pedregoso e Riba Rio (Cruz, 1998; Pereira, 2005) – possivelmente associadas às ocupações registadas nas áreas de Alpiarça e Muge na margem oposta do Tejo (Kalb e Höck, 1981-82; Andrade *et al.*, no prelo). Seja como for, o sítio do Freixo, à altura da sua ocupação durante o Calcolítico final (e, em princípio, nas suas etapas mais tardias), encontra-se inscrito numa rede de povoamento não muito bem definida – podendo revelar um certo nível de desarticulação, sem aparente comportamento gregário, antevendo já os esquemas de ocupação do território de inícios da Idade do Bronze – questão a que apenas um maior investimento na investigação poderá responder.

Lisboa, Maio de 2013

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Marco António (no prelo) – Novos contextos neolíticos nas espaldas setentrionais do Maciço Calcário Estremenho: o caso do sítio do Freixo (Reguengo do Fetal, Batalha). 5^o Congresso do Neolítico Peninsular. Lisboa.
- ANDRADE, Marco António; NEVES, César; LOPES, Gonçalo (no prelo) – Beyond the Mesolithic shell-middens: a chrono-cartographic overview of the ancient peasant communities in Muge. *Muge 150th: Conference on the 150th Anniversary of the Discovery of the Shellmiddens at Muge*.
- BATATA, Carlos; BORGES, Néilson (2011) – *A importância da Fonte Quente enquanto “lugar central” no contexto do povoamento pré-histórico do Alto Ribatejo, durante a Pré-História Recente. Estudo arqueológico efectuado em contexto de obra*. Lisboa: Estradas de Portugal.
- BERNABEU AUBÁN, Joan (1984) – *El vaso campaniforme en el País Valenciano*. Valencia: Diputación Provincial de Valencia (Serie de Trabajos Varios, 80).
- CARDOSO, João Luís (2012) – O sítio campaniforme de São Gregório (Caldas da Rainha). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 15, p. 31-45.
- CRUZ, Ana R. (1998) – Relatório da intervenção de emergência: Monte Pedregoso. *Techné*. Tomar. 3, p. 11-31.
- FERREIRA, Octávio da Veiga (1966) – *La culture du vase campaniforme au Portugal*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal (Memórias, 12).
- GARRIDO PENA, Rafael (1997) – Bell Beakers in the Southern Meseta of the Iberian Peninsula: socioeconomic context and new data. *Oxford Journal of Archaeology*. Oxford. 16: 2, p. 187-209.
- GONÇALVES, Victor S. (2005) – Cascais há 5000 anos. Tempo, Símbolos e Espaços da Morte das antigas Sociedades Camponesas. In GONÇALVES, V. S. (coord.) – *Cascais há 5000 anos*. Cascais: Câmara Municipal, p. 63-195.
- GONÇALVES, Victor S. (2008) – *A utilização pré-histórica da gruta de Porto Covo (Cascais)*. Cascais: Câmara Municipal (Cascais Tempos Antigos, 1).
- HARRISON, Richard J. (1977) – *The Bell Beaker Cultures of Spain and Portugal*. Cambridge: Peabody Museum/Harvard University (Bulletin 35).
- HARRISON, Richard J.; BUBNER, Thomas; HIBBS, Vivian A. (1976) – The Beaker pottery from El Acebuchal, Carmona (Prov. Sevilla). *Madriditer Mitteilungen*. 17, p. 79-141.
- KALB, Philine; HÖCK, Martin (1981-82) – Cabeço da Bruxa, Alpiarça (Distrito de Santarém). Relatório preliminar das escavações de Janeiro e Fevereiro de 1979. *Portugalia*. Porto. 2-3, p. 61-69.
- LEMERCIER, Olivier (2003) – Les campaniformes catalans et pyrénéens vus de Provence. Contribution à une problématique historique du Campaniforme de l’Europe Méridionale. In *Pirineus i veïns al 3r mil.leni AC. De la fin del Neolític a l’edat del Bronze entre l’Ebre i la Garona*. Puigcerdà, Institut d’Estudis Ceretans, p. 431-445.
- LEISNER, Vera; PAÇO, Afonso do; RIBEIRO, Leonel (1964) – *Grutas artificiais de São Pedro do Estoril*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- PEREIRA, Júlio Manuel (2005) – Riba-Rio: um povoado calcolítico da bacia do médio Tejo. *Al-madan adenda electrónica*. Almada. 2^a série, 13, p. III.1-III.7.
- PRIEGO FERNANDEZ, Carmen; QUERO CASTRO, Salvador (1992) – *El Ventorro, un poblado prehistórico de los albores de la metalurgia*. Madrid: Museos Municipales (Estudios de Prehistoria y Arqueología Madrileñas, 8).
- SOUSA, Ana Catarina (2010) – *O Penedo do Lexim e a sequência do Neolítico final e Calcolítico da Península de Lisboa*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 2 vols., policopiado.

TERESO, João Pedro (2004) – A cerâmica campaniforme no centro-interior estremenho (Portugal): contextos, cronologia e interpretação. In ALLUÉ MARTÍN, E.; MARTÍN UIXAN, J (eds.) – *Actas del 1er Congreso Peninsular de Estudios de Prehistoria*. Tarragona, p. 309-314.

VICENTE NAVARRO, Alejandro; RODRÍGUEZ-MALO, Juan Manuel Rojas; LÓPEZ-TRIVIÑO, Javier Pérez; SÁNCHEZ SEGUIDO, Francisco (2007) – El yacimiento

campaniforme del “Alto del Romo” (Tarancón, Cuenca). Asentamiento calcolítico en la Mancha Alta. *ARSE:Boletín del Centro Arqueológico Saguntino*. Sagunto. 41, p. 37-73.

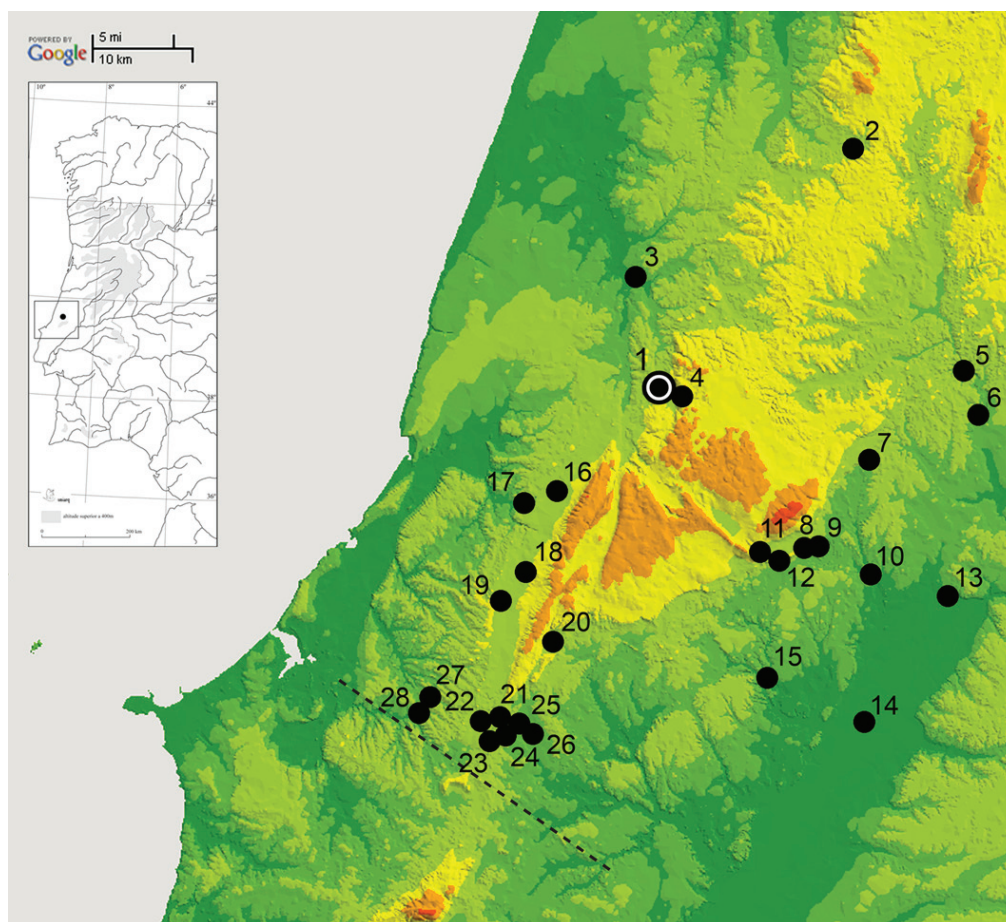


Figura 1 – O sítio pré-histórico do Freixo (1) no contexto das ocupações campaniformes na área do Maciço Calcário Estremenho e bacias de drenagem adjacentes. A linha tracejada indica o limite setentrional teórico do Calcolítico da península de Lisboa, estabelecido pelo eixo entre os povoados fortificados de Outeiro da Assenta e Vila Nova de São Pedro. 2: Vale do Souto, Pombal (abrigo); 3: Castelo de Leiria (povoado); 4: Buraco Roto, Batalha (gruta natural); 5: Nossa Senhora das Lapas, Tomar (gruta natural); 6: Fonte Quente, Tomar (povoado fortificado); 7: Buraca da Moura da Rexaldia, Torres Novas (gruta natural); 8: Almonda, Torres Novas (gruta natural); 9: Lapa da Bugalheira, Torres Novas (gruta natural); 10: Convento do Carmo, Torres Novas (gruta artificial?); 11: Chousas, Alcanena (povoado); 12: Lapa Amarela, Alcanena (abrigo); 13: Monte Pedregoso, Vila Nova da Barquinha (povoado); 14: Riba Rio, Golegã (povoado); 15: Lapa do Saldanha, Santarém (gruta artificial); 16: Ataija, Alcobaça (povoado); 17: Carvalhal de Aljubarrota, Alcobaça (grutas naturais); 18: Redondas IX, Alcobaça (gruta natural); 19: Carvalhal de Turquel, Alcobaça (gruta natural); 20: Alcobertas, Rio Maior (gruta natural); 21: Bocas, Rio Maior (abrigo); 22: Senhora da Luz, Rio Maior (grutas naturais); 23: Vale Comprido, Rio Maior (povoado); 24: Bocas Sul, Rio Maior (povoado); 25: Buraca dos Mouros, Rio Maior (gruta natural); 26: Carneira, Rio Maior (povoado); 27: Ribeira do Crasto, Caldas da Rainha (grutas artificiais); 28: São Gregório, Caldas da Rainha (povoado). Base cartográfica: Google Maps, 2010.

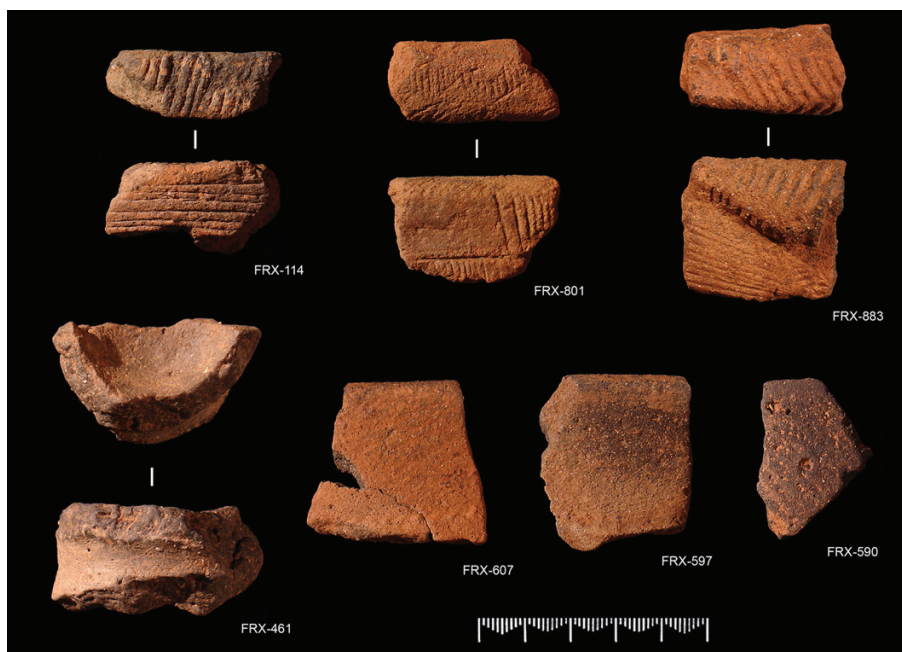


Figura 2 – Exemplos do espólio cerâmico recolhido no sítio pré-histórico do Freixo: taças de tipo Palmela com decoração incisa (FRX-114, 801 e 883); “fruitstand” (FRX-461); caçoila lisa (FRX-607+597); esferoidal com alisamento espatulado (FRX-590).

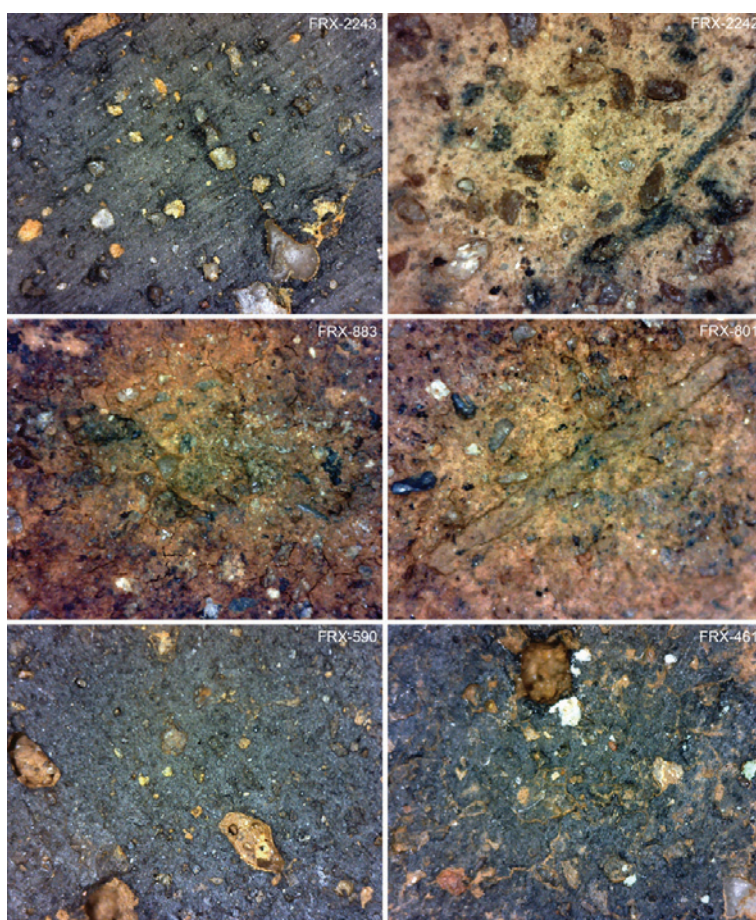


Figura 3 – Aspecto microscópico (x200) da pasta de alguns elementos cerâmicos campaniformes do sítio pré-histórico do Freixo.

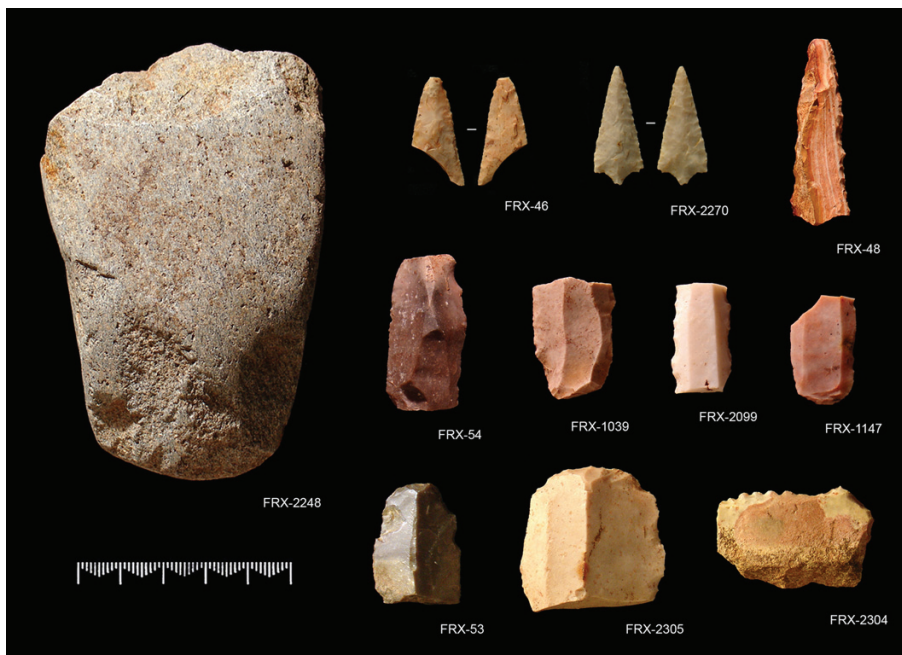
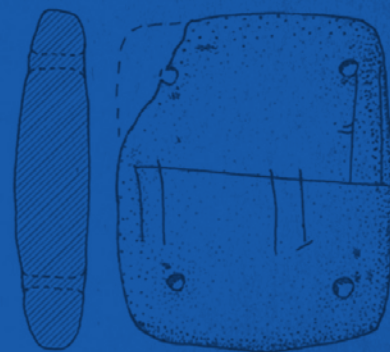
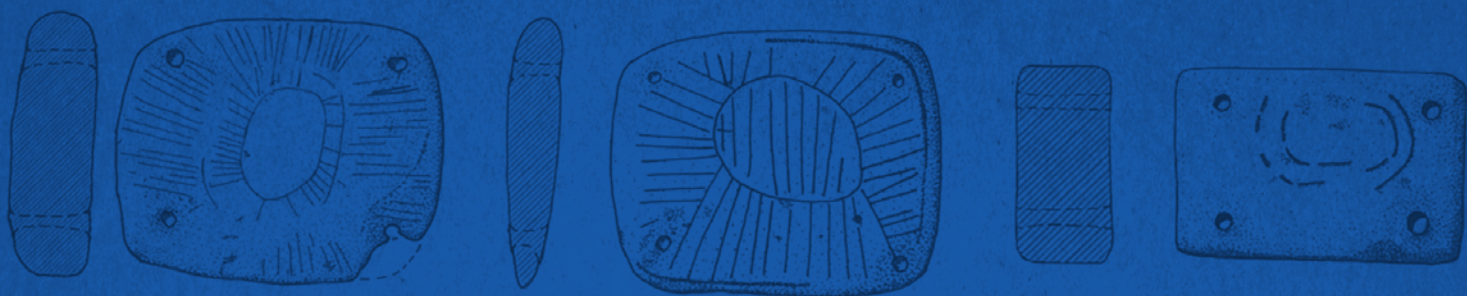
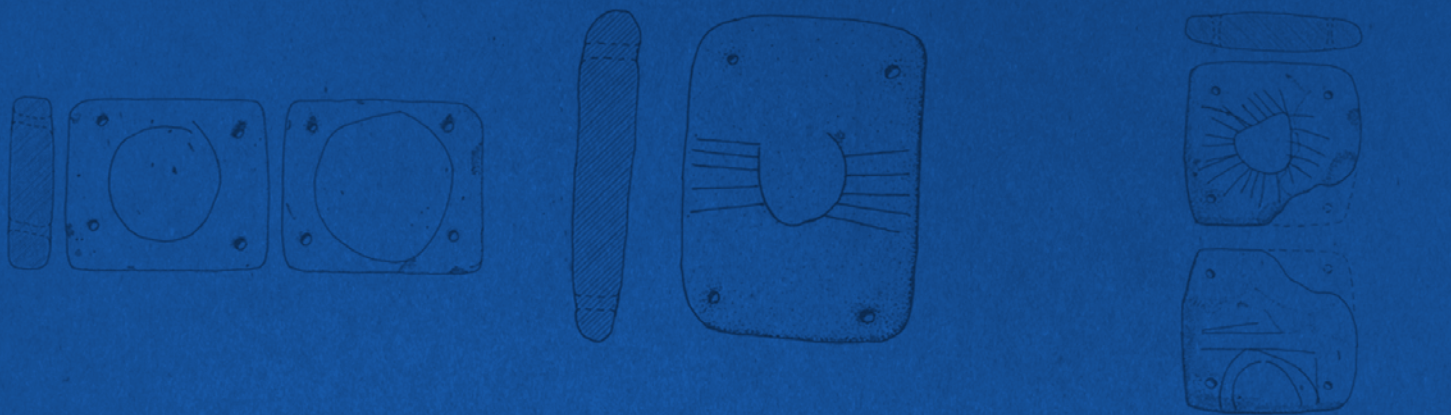


Figura 4 – Exemplos do espólio lítico recolhido no sítio pré-histórico do Freixo: machado de anfibólito (FRX-2248); pontas de seta de sílex (FRX-46 e 2270); furador sobre lâmina de sílex (FRX-48); lâminas de sílex retocadas (FRX-54, 1039, 2099 e 1147); raspadeiras sobre lâmina de sílex (FRX-53 e 2305) e ‘‘elemento de foice’’ de sílex (FRX-2304).



Figura 5 – Exemplos de ‘‘fruitstands’’ campaniformes peninsulares. 1-2: São Pedro do Estoril 1, Cascais (adaptado de Leisner *et al.*, 1964, p. 51 e 47, Est. L e K); 3: Porto Covo, Cascais (adaptado de Gonçalves, 2008, p. 130-131, Fig 2.38); 4: El Acebuchal, Carmona (adaptado de Harrison *et al.*, 1976); 5: El Ventorro, Madrid (adaptado de Priego Fernandez Quero Castro, 1992, fig. 119); 6: Alto del Romo, Tarancón (adaptado de Vicente Navarro & *alli*, 2007); 7: Cova dels Gats, Alzira (adaptado de Barnabeu Aubán, 1984); 8: Grotte du Pás du Noyer, Armissan (adaptado de Lemerrier, 2012).

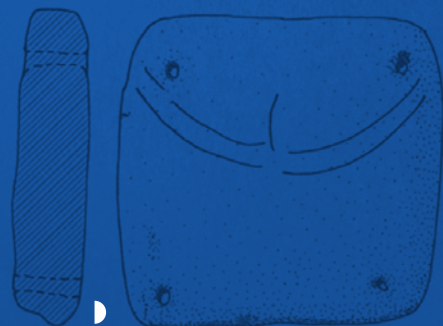


AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Patrocinador oficial



Apoio institucional



FUNDAÇÃO
Millennium
bcp

BNP
BIBLIOTECA
NACIONAL
DE PORTUGAL

 GOVERNO DE
PORTUGAL


Parques de Sintra
Monte da Lua